O SR. CRISTO*

http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v14i28p188-192

José Saramago

Cristo Aires era o seu nome completo. E durante muito tempo foi para mim um Poeta. Não supunha, então, que os outros poetas de quem ouvia falar – os Virgílios e os Camões, os Hugos e os Anteros – pudessem competir com ele. Mas a razão por que utilizei o P grande da minha máquina de escrever é esta: eu sou um tímido. Por tal forma o sou que pretendendo falar de outrem, não comecei por dizer com que nome figuro no Registo Civil: chamo-me Virgolino Dias. Sem receio de que me desmintam, acrescentarei que não tenho cadastro policial. Além disso, sou dotado de uma certa predisposição para a tuberculose e para a calvície. Agora que comecei a falar de mim, talvez pudesse contar-lhes a minha vida. Mas não é isso o que pretendo. De resto, pouco de interessante teria para narrar.

Como ia dizendo, sou um tímido. E tudo o que de extraordinário há neste mundo, desde a Poesia à Bomba Atómica, passando pelo Senhor-Bem-Instalado-Na-Vida, me faz suar frio e me provoca vertigens. Neste estado, a minha já tão infeliz e rudimentar personalidade comprime-se, comprime-se até ficar reduzida ao tamanho de um grão de pó. Só fica a timidez concentrada.

Ah, não me falem! Sei o que querem dizer! Que devo reagir, não é? Belas palavras, essas. Já reagi, já assinei cursos de desenvolvimento psíquico por correspondência, já segui o método introspectivo, já li as "Selecções" durante anos (porque verifiquei que os meus amigos desde que as liam eram outros homens...) Nada resultou e agora estou conformado. Assim nasci, assim vivi e vivo, assim terei de morrer.

Nesta altura, com a argúcia que lhes invejo, já toparam outro motivo da maiúscula inicial, não é verdade? É que eu admirava Cristo

^{*} Texto primeiramente publicado na revista Seara nova, Lisboa, n. 1158-59, p. 89-90, março de 1950.

Aires, sim. Mas, notem, admirava-o como não vai sendo uso nestes tempos de ídolos de alcatruz: admirava-o como se Cristo Aires se chamasse Virgolino Dias e fosse eu próprio. Dizendo isto, tudo fica dito.

Conheci Cristo Aires naquele escritório de comissões e consignações e que toda a gente sabe onde fica. Pelo menos, assim o pensava César Norte, o tiranete, o meu chefe, para quem o escritório (duas salas, nove secretárias e correlativas cadeiras, vários "dossiers" e muito papel velho), era uma espécie de cérebro do mundo, cérebro de que ele era a massa cinzenta. (Se mo pedirem, outro dia falarei de César Norte, o "massa cinzenta").

"É Cristo Aires, um grande Poeta!", e acrescentava: "É um colega..." Desta basbaquenta maneira informava os amigos quando, no café, adregava encontrar o Talento. Ah, como a minha timidez nesses momentos me parecia uma coisa sem sentido! É que, imediatamente, corria um murmúrio na mesa: "É o Cristo, um grande Poeta. É colega aqui do nosso Virgolino", bebi alguns cafezinhos, ofertas de interessados em sonetos natalícios e quadras obscenas.

Honra me seja feita. Bebia os cafés porque seria ofensa recusar, mas nunca usei do meu valimento junto de Cristo Aires para obter o que me rogavam.

Acreditem. Cristo era meu amigo. Tratava-me com benevolência, lia-me ao almoço, por cima dos guardanapos estendidos nas secretárias, as suas últimas produções. Eu, de garfo em riste para uma azeitona, suspendia o gesto, alucinado...

A tua boca ingénua e triste E voluptuosa, que eu saberia fazer Sorrir em meio dos pesares e chorar em meio das alegrias, A tua boca ingénua triste É dele quando ele bem quer.

Outra:

Assim a noite passa. Rumorosos Sussurram os pinhais meditativos. Encostados às grades, os cativos Olham o céu e choram silenciosos.

Ainda outra

Sol nulo dos dias vãos Cheios de lida e de calma. Aquece ao menos as mãos A quem não entras na alma.

Quando Cristo Aires chegava ao fim e dobrava a folha de papel chamuscada pela labareda do gênio, eu nem sabia onde me encontrava. Tudo à minha volta era Beleza, Harmonia, Doçura, Força. Desaparecia o escritório de comissões e consignações e ficava o bafo da imortalidade.

"Que tal?" – perguntava o Poeta.

"Magnífico, esplendoroso, Sr. Cristo!" – gania eu.

E ele, ó alegria, ó nuvens, ó estrelas, ele levantava-se, apoiava no meu ombro terreal a sua mão divina e dizia: "aprecio-o, meu caro Virgolino, você é um ente sensível às belezas da poesia."

Digam agora, por favor, mas digam depressa! Como podia deixar de admirar um homem que me tratava assim, sendo eu quem era e ele que era? Se sempre fui de dócil coração, fácil de conduzir...

E quando, logo depois, Cristo Aires me pedia 20 escudos emprestados, não me continha e exibia os 80 ou 100 que trazia na carteira. Ele considerava a abundância, olhava o tecto calculando as suas necessidades e levava 50.

Nunca mais via aquele dinheiro, mas isso era insignificante pena para quem desejava ser "um ente sensível às belezas da poesia". (O meu caderno de débitos e créditos não tem o nome de Cristo Aires e, agora, não consigo recordar as infindáveis parcelas). Há quem pague mais para ouvir ópera ou ver futebol. Eu pagava para ouvir poesia, conhecer o autor e ser adulado.

Pagava, pagava, sim! Hoje não pago. Cristo Aires morreu para mim. Cristo Aires enganou-me. Eu acreditava nele, no Cristo. Todas as palavras que lhe ouvia, o simples comentário acerca do aparo que lhe sujava os dedos, eram bálsamos, E os versos? Ah, os versos de prata, as rimas de cristal, as ideias profundas, as atitudes revolucionárias, os delírios simbolistas, os arrepios sensuais, tudo!... Ele era um poeta magnífico, de todos os tempos. Sim, de todos os tempos, com que rancor o digo. Porque ele recitava versos de todos os tempos e de todos os poetas. Mas nem um

verso sequer era seu. COPIAVA-OS NAS BIBLIOTECAS E VINHA LER-MOS AO ESCRITÓRIO!

Compreendam-me e compadeçam-se. Não riam. Eu sou um pobre ignorante. Peço beleza, paz, verdade, alegria. Vivo mal no mundo e confio nos outros e confiava nele. Mas ele, Cristo Aires, enganou-me.

E pensar que descobri a farsa por orgulho, por me orgulhar de Cristo, entenda-se!... Coração e cabeça cheios daquele prodígio vivo, decidi-me a frequentar as bibliotecas – onde nunca entrara até aí, preso às minhas obrigações de escriturário – para ler os outros autores, com a intenção fisgada de os encontrar pigmeus ao lado do meu gigante.

Uma noite, não a de Dóris prometida, mas outra, mais negra e triste, entrei na Biblioteca Nacional. Pedi António Nobre, o "Só", Disseramme: "Está em leitura. Naquele senhor..." Olhei por acaso e estremeci. Aquelas costas eram as de Cristo Aires. Aproximei-me em silêncio e espreitei por cima dos seus ombros. Copiava.

Vaidade, meu Amor, tudo Vaidade!,

Retirei-me sem falar. Comovido, ia pensando a caminho de casa que Cristo não era apenas um inspirado, era também um estudioso.

No dia seguinte...

Oh, que não sei de nojo como o conte

... recitou de fio a pavio o soneto 17. Eu ouvi, assombrado. Quando concluiu, perguntou, como de costume: - "Que tal?" – "Admirável!" – rilhei entre dentes.

Depois, pediu-me 10 escudos. Eu era solteiro, pacato, vivia com a família, não fazia grandes despesas. Os ordenados no escritório haviam sido pagos poucos dias antes. Na carteira, muito bem dobradas, estavam cinco notas de cem.

Tirei-as, os dedos a tremer. Fechei os olhos, esmaguei por segundos a timidez, e lancei-lhe o dinheiro à cara.

Fui despedido. Hoje odeio Cristo Aires.

Recolha e organização do texto: Saulo Gomes Thimóteo

Recebido em 23 de fevereiro de 2022 Aprovado em 29 de julho de 2022

José Saramago

Escritor com mais de quarenta livros publicados, entre romances, poemas, contos, crônicas e peças teatrais. Ganhador do Prêmio Camões em 1995 e do Prêmio Nobel de Literatura em 1998.

Saulo Gomes Thimóteo

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Contato: sthimoteo@gmail.com

b: https://orcid.org/0000-0002-3874-9215

A Revista Desassossego utiliza a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – <u>Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)</u>, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.